

DIÁRIO ARTÍSTICO-CIENTÍFICO DE UMA MUSEÓLOGA-POETA NA CIDADE DE ÁGUASTEJAS

Luzia Gomes Ferreira¹

Resumo

Quando criança passeava pelo porto de Cachoeira no Recôncavo Baiano e visitava os ateliês dos artistas da região. Não entendia nada daquilo que eles pintavam e esculpam, mas achava bonito e queria fazer arte de alguma forma. Navegando nas minhas lembranças, acredito que foi desde ali que me interessei pelo o universo das imagens com suas cores, movimentos e formas. Esse artigo é escrito em primeira pessoa com a minha voz feminina e negra, são as minhas memórias atlânticas no exercício da poética intermediada pela teoria acadêmica.

Palavras-chave

Artes; Escuta, Memórias; Silêncio; Voz.

Resumé

Quand j'étais petite je me promenais sur le port de Cachoeira dans Recôncavo Baiano, et je visitais les ateliers des artistes de la région. Je ne comprenais rien de ce qu'ils peignaient et sculptaient mais, je trouvais tellement beau que j'ai voulu faire de l'art d'une façon ou d'autre. En plongeant dans mes mémoires, je crois que ce fut à cet instant là que je me suis intéressée pour l'univers des images avec leur couleur en mouvement et ses formes. Cet article est écrit à la première personne avec ma voix féminine et nègre. Ce sont mes mémoires atlantiques dans l'exercice d'une poétique intermédiée par la théorie académique.

Mots-clés

Arts; Écoute, Mémoire; Silence, Voix.

Ruzumu²

Kantu mi era mininu, N ta pasiaba na portu di Cachoeira na Recôncavo Baiano i N ta ba odjaba kes ateliê di artistas di zona. N ka ta intendeba nada di ses pinturas o di ses skulturas, mas N ta atxaba es bunitu i N ta fikaba ku gana di fasi algun tipu di arti. Na ta navega na nhas rakordason, N ta kridita ma foi na kel mumentu la ki N komesa ta interesa pa universu di imaji, ku ses kor en movimentu i ses forma. Es artigu li sta skrebedu na primeru pesoa, ku nha vos negru i fimininu. E nhas mimoria atlantiku na izersisiu di un puetika intermediadu pa tioria akademiku.

Palavras-txabi

Artis, Sukuta, Mimorias, Silensiu, Vos.

¹ Poeta; Feminista Negra; Museóloga; Antropóloga; Professora do Curso de Museologia do Instituto de Ciências da Arte (ICA) da Universidade Federal do Pará (UFPA); Doutoranda e Bolsista em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (ULHT), sob a orientação do Professor Doutor Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha. E-mail: lu.ayeomi@gmail.com

² Agradeço ao poeta-mestre Apolo de Carvalho pela tradução do resumo para o francês e caboverdiano.

*O amor ao supérfluo ajuda a entender o que somos.
Regresso aqui revendo a única flor que um dia encontrei (...)
uma rosa artificial comida pelo sol (...)
A rosa artificial acode-me a memória..³
(djaimilia pereira de almeida)*

Transcrevendo o diário

Esse artigo-diário será escrito por mim, Luzia Gomes Ferreira, mulher-negra; baiana; brasileira; sul-americana; acadêmica; professora; poeta e, por ora, migrante em Portugal, de onde grafo essas escrituras. Um corpo negramente feminino na maior parte do tempo vigiado, punido, indesejado, violentado, desamado, que não pode se dar ao luxo de flunar no país do seu ex-colonizador. Atravessar o atlântico na condição de doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) fez-me deparar com as diferentes memórias presentes que habitam as geografias internas do meu ser. A pele que habito, da qual não me desgrudo, levou-me a repensar museologicamente falando, qual o lugar do conhecimento produzido por mim e por pessoas negras como eu, nessas Museologias das duas margens, assim como, possibilitou-me compreender a minha necessidade das artes que não cabe no lattes e nem nas mesas-redondas do saber que geralmente são quadradas.

sempre quis ser uma mulher-letrada
e escrever poeticamente
o que não escrevo na academia
de normas engessadas...

sempre quis ser uma mulher-letrada
e ortografar academicamente
a poesia amorosa
no imperativo presente...
(FERREIRA, 2017, sítio web)⁴

Dialogando com o pensamento da Spivak em «Pode o subalterno falar?» (2010), no qual ela afirma: “A questão da ‘mulher’ parece ser mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.” (SPIVAK, 2010:85). Nas artes e nas ciências, geralmente somos colocadas em lugares subalternos, ainda que para mim a «subalternidade» não é uma categoria inerente a nós, não-brancas. Porém, as estruturas que alicerçam as desigualdades sociais de toda ordem no Ocidente, nos colocam numa condição de sujeitas subalternas em maior ou menor escala. Evidencia-

³ Retirei esse excerto do livro «esse cabelo» de autoria da djaimilia pereira de almeida, lançado em Lisboa – Portugal no ano de 2015. Tanto o nome do livro, quanto o da autora, são escritos com letras minúsculas.

⁴ <http://etnografiasdemim.blogspot.pt/2017/09/mulher-letrada.html>
Acedido em 21/09/2017

mos constantemente essa condição, mas regularmente os corpos-hegemônicos (leia-se brancos) apresentam uma incapacidade atlântica de nos ofertar escuta respeitosa, mesmo que nosso objetivo seja falar das dores horrendas que nos afligem. Esse silenciamento imposto não nos permite cicatrizar as chagas abertas.

Podemos dizer que a não auscultação às nossas falas dentro da academia; o isolamento ofertado quando nos insurgimos no âmbito acadêmico; a manipulação que é feita com as nossas narrativas orais e escritas; o descrédito que nos é dado quando invocamos as nossas trajetórias individuais e coletivas para produzir nossos conhecimentos; as desconfiças que nos rondam quando assumimos cargos de chefia: também são formas de nos fazer permanecer na condição de subalternas mesmo com os títulos de « mestras e doutoras». No campo das artes não é diferente, seja nas artes visuais, no cinema ou na literatura, ainda estamos fadadas às normatizações de uma arte branca e eurocentrada. Pereira, ao afirmar que o sistema da arte se consolida numa tríplice aliança envolvendo “[...] cultura, política e economia [...]” (PEREIRA, 2016:59), é um alerta para não colocarmos as produções artísticas num pedestal sagrado, como se elas não fossem criadas por pessoas inseridas e atravessadas pelas estruturas sociais dos seus contextos históricos, econômicos, culturais e sociais. Nesse contextos devemos refletir como esse sistema é criado, gerido e, na maior parte do tempo, retroalimentado por homens e mulheres de tez branca.

Quem pode falar? Quem pode produzir conhecimento? Que conhecimento é reconhecido como tal? (...) Acho muito fascinante trabalhar dentro das artes com conhecimento e sublinhar que se está a produzir conhecimento. (...) Numa estrutura académica e artística cujas hierarquias de poder ainda são brancas e patriarcais. Sou o sujeito, não o objecto. Trabalho para mim, para perceber quem sou, para completar um puzzle que foi fragmentado. Essa é a diferença de um trabalho feminista e descolonial para um trabalho clássico. (...) Não estou interessada em trabalhar numa só disciplina; estou interessada em contar histórias. Depois cada uma dessas histórias precisa de formatos diferentes. (...) É uma forma de subverter as práticas artísticas que têm sido representadas pelo homem branco, pelo sujeito dominante. É descolonizar o conhecimento, é trazer a questão da raça, do género, da sexualidade como partes inseparáveis de um discurso. Eu não sou apenas uma mulher, sou uma mulher negra. Para mim é importante pensar nessa complexidade e trazê-la para a minha arte. (KILOMBA, 2017, sítio web)⁵.

Apresentarei nesse artigo o nosso «Coletivo Nêga Filmes e Produções» criado 2015 por mim e pela Maíra Zenun no qual atuamos na área do cinema, fotografia e poesia. O referido projeto materializou-se no âmbito da realização do nosso filme curta-metragem «a CiDaDe e o AmoR» (2015)⁶, uma película-poema, rodado na Baixa de Lisboa - PT. Por habitarmos as geografias mar-

5 <https://www.publico.pt/2017/08/18/culturaipsilon/noticia/grad-a-kilomba-e-a-artista-que-portugal-precisa-de-ouvir-1782377>
Acedido em 20/09/2017

6 O filme «a CiDaDe e o AmoR» está disponível no endereço eletrônico abaixo:
<https://www.youtube.com/watch?v=23XuNMPQ-h4>
Acedido em 20/09/2017.

ginalizadas das artes e das ciências, impulsionadas pelas nossas investigações de doutoramento, resolvemos desenvolver um projeto de intervenção artística na capital lisboeta e adjacências. A Maíra Zenun, doutoranda em Sociologia do Cinema; fotógrafa com experiência na realização de curta-metragens e poeta, colhedora de pétalas poéticas no seu blog «Flores de Maio»⁷, e eu, leitora voraz de prosa e poesia, etnógrafa-blogueira-poeta das emoções em «Etnografias Poéticas de Mim»⁸, cinéfila incurável, amante incondicional das imagens em movimento e parada, decidimos “botar o nosso bloco” na rua, com as nossas caras pretas na Europa que se diz “civilizadamente branca”.

Criar esse artigo é uma oportunidade de teorizar sobre as vivências ancoradas no conceito de «Escrivivências» da escritora-doutora Conceição Evaristo, no qual ela afirma que é a “[...] escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo.” (EVARISTO apud Itaú Cultural, 2017, sítio web)⁹. Neste artigo, assim, interessa-me refletir sobre as «memórias efêmeras do presente cotidiano sem pedigree», a partir das minhas lembranças de mulher negra subalternizada na capital da ex-metropóle. Na Museologia falamos tanto da importância do direito às memórias, muitas vezes cultuamos obsessivamente o passado materializado dos nossos opressores históricos e raramente refletimos como as nossas memórias e trajetórias individuais e coletivas no presente contribuem para a construção de novos conhecimentos produzidos por nossos corpos não-hegemônicos.

Nesse artigo, também trilho os princípios do texto «A transformação do silêncio em linguagem», de autoria da Audre Lorde, escritora, poeta e ativista negra estadunidense. “Muitas vezes penso que preciso dizer as coisas que me parecem mais importantes, verbalizá-las, compartilhá-las, mesmo correndo o risco de que sejam rejeitadas ou mal entendidas. Mais além do que qualquer outro efeito, o fato de dizê-las me faz bem.” (LORDE, 1977, sítio web)¹⁰. Antes que o tribunal acadêmico, composto majoritariamente por corpos hegemônicos inquisidores, acuse-me de poetizar e não teorizar, ou de fazer selfie acadêmico, explícito que na leitura dos pensamentos de intelectuais negras, como a Beatriz Nascimento; bell hooks; Sueli Carneiro; Luíza Bairros; Angela Davis; Lélia González; Barbara Christian; Conceição Evaristo; Patricia Collins; Clélia Rodríguez; entre outras, compreendi a importância de me posicionar na minha escrita acadêmica enquanto mulher negra na primeira pessoa do «eu para o nós». Elas são as minhas referências teóricas e de vida. “Vale à pena acreditar em um lugar que possa ser construído na primeira pessoa do plural.” (FERREIRA, 2017, sítio web)¹¹.

Não tenho o intuito de que meus pares acadêmicos brancos e/ou brancocentrados sejam benevolentes comigo por conta da minha trajetória pessoal

7 O referido blog está disponível em: <http://floresdemaiomairazenun.blogspot.pt/> Acedido em 20/09/2017.

8 O referido blog está disponível em: <http://etnografiasdemim.blogspot.pt/> Acedido em 20/09/2017.

9 <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/> Acedido em 30/08/2017.

10 O referido ensaio de Lorde foi apresentado em forma de comunicação no painel «Lésbicas e Literatura» da Associação de Línguas Modernas em 1977, nos Estados Unidos. <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/> Acedido em 20/09/2017.

11 <https://www.facebook.com/viviane.ferreira.5245> Acedido em 25/09/2017.

e profissional. Até porque, o que a universidade-desuniversal na maior parte do tempo fez e ainda faz conosco é ofertar o descrédito aos nossos percursos individuais e coletivos. Acredito que nós intelectuais negras quando utilizamos uma parte da nossa trajetória pessoal para falarmos de uma realidade mais ampla, não é uma pessoalização da nossa existência e sim uma escrita singular-plural que muitas vezes envolve as vozes inaudíveis de outras sujeitas e sujeitos negros.

Alguns dos exemplos de escritura mais provocadora emergem nos momentos críticos em que a posição de subjetividade do autor fortalece a autoridade analítica. (...) O que me atrai e eu acho outros estudiosos a escrever pessoalmente é um desejo de abandonar a metalinguagem alienadora que fecha em vez de abrir as portas da academia para todos aqueles que queiram entrar. Escritura pessoal representa um esforço sustentado para democratizar a academia. Realmente ela emerge das lutas daqueles tradicionalmente excluídos da academia tais como mulheres e membros de grupos minoritários para encontrar uma voz que reconheça não só o sentido da diferença mas também a chegada demorada ao mundo erudito. (GILLIAM ; GILLIAM, 1995:525-526).

Habitar esse meu corpo de mulher negra, proporciona-me ler e olhar os discursos acadêmicos por outro “[...] ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e gênero.” (COLLINS, 2016:100). A cada linha que escrevo na tese e nesse artigo, a cada autora e autor que cito dentro das normas normatizadas da ABNT¹² questiono-me: Será que estou ofertando escuta generosa as intelectuais negras? Será que os meus referenciais teóricos e metodológicos precisam ser demasiadamente eurocêntricos e/ou brancocentros? Será que de fato estou utilizando os trabalhos artísticos como uma forma de conhecimento e não apenas como uma mera ilustração para demonstrar sensibilidade artística? É um exercício complexo e muitas vezes desgastante de fazer, mas justamente por habitar a pele que habito, me ponho a refletir e exercitar praticamente na minha escrita o que teorizo oralmente. E nessa minha encruzilhada das águas questiono: quais são as epistemologias e as metodologias museológicas descolonizantes que ofertam escuta e acolhida ao pensamento das mulheres negras intelectuais na Museologia e nas diferentes áreas do conhecimento na academia portuguesa e brasileira? Estamos repensando as epistemologias nas Museologias do século XXI ofertando escuta as novas vozes que surgem com demandas contemporâneas? É preciso escurecer aqui, que estou falando da produção de conhecimento no campo museológico e não da criação de museus para negros, indígenas, mulheres e tantos outros seguimentos humanos da sociedade civil que são, muitas vezes, invisibilizados e indesejados na bela sala de estar desse grande artefato humano chamado «museu». Por isso é importante visitar constantemente as nossas epistemologias:

Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou a ideia, reflectida ou não, sobre todas as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento

12 Associação Brasileira de Normas Técnicas.

válido que uma dada experiência se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e sem actores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, podem dar origem a diferentes epistemologias. As diferenças podem ser mínimas e, mesmo se grandes, podem não ser objecto de discussão, mas em qualquer caso, estão muitas vezes na origem das tensões ou constrações presentes nas experiências sociais sobretudo quando, como é normalmente o caso, estas são constituídas por diferentes tipos de relações sociais. No seu sentido mais amplo, as relações sociais são sempre culturais (intra-culturais ou inter-culturais) e políticas (representam distribuição desigual de poder). Assim sendo, qualquer conhecimento válido é sempre contextual, tanto em termos de diferença cultural e política, as experiências sociais são constituídas por vários conhecimentos, cada um com seus critérios de validade, ou seja, são constituídas por conhecimentos rivais. (SANTOS; MENESES, 2009:09).

Há anos a Museologia critica construtivamente a sacralização dos objetos nos diversos museus. Por outro lado, raramente abordamos criticamente as hiper-sacralizações das teorias e metodologias criadas, legitimadas e defendidas por pessoas brancas no campo museológico. Quantas teóricas negras da Museologia nacional e internacional citamos em nossos textos sobre museus, patrimônios e teoria museológica? Considero de significativa relevância e mais do que justo enquanto museóloga negra e professora de Teoria Museológica atentar-me para à importância de constantemente reivindicar a dessacralização das teorias e metodologias museológicas, a partir do meu lugar de enunciação. “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.” (SOUSA, 1983:17). Falar «por» e em nome «do», não é dialogar simetricamente «com». Na maioria das vezes, nós mulheres negras continuamos invisibilizadas por uma Museologia Patriarcal e ainda majoritariamente branca academicamente falando, seja no Brasil ou em Portugal. Por isso, faço outro questionamento: quantas mulheres negras são docentes nos cursos de bacharelados e pós-graduações em Museologia na academia brasileira? É sempre incômoda para mim a ideia de que podemos nos contar na ponta dos dedos das mãos, porque raramente nessa contagem incluímos os dedos dos pés. É urgente refletirmos coerentemente sobre gênero e raça na produção do conhecimento museológico.

[...] se a palavra feminismo é branca e ocidental, a prática feminista é Negra e Diaspórica. Tal fio nos coloca diante da urgência de conversar sobre sentidos mais justos e profundos de feminismo. Narrar na primeira pessoa as nossas histórias de beleza, força e sucesso é parte dessa restituição, pois produzir nossos próprios saberes a partir de quem somos e do que sonhamos representa revidar com a poderosa arma da beleza, o anonimato, a pobreza, o preterimento e os alarmantes indicadores sociais como a história única pela qual somos vistas e narradas. Significa a aposta em um projeto de humanidade negra comprometido em conferir visibilidade a trajetórias que nos fazem enxergar a diversidade que nos constitui. As potências que carregamos, multiplicamos e que estão

ausentes dos grandes meios de comunicação. (...) Dada a história de preterimento dos espaços de poder — em especial os ligados à cultura escrita—, priorizar o como alimentamos práticas feministas de liberdade relaciona-se com valorizar a ação, o cuidado e o movimento como elementos que definem o que é ser uma Intelectual Negra. Historicamente à margem da academia, da política institucional, da grande mídia e de outros espaços de poder, nossa intelectualidade constrói-se através da percepção — em diversos níveis — de que somos Mulheres Negras 24 horas por dia. Como chefas e arrimas de família. Na condição de primeiras a acessarem a universidade e obterem um diploma que se estende à toda família. No ato político de cuidar e educar filhos nossos e dos outros. Na valorização do estudo como instrumento de libertação. No trabalho em movimentos sociais e comunidades religiosas. (XAVIER, 2017, sítio web).¹³

É preciso que cada uma e um de nós dentro das universidades reflitamos em silêncio audível e nos perguntemos: Quanto de colonizador-(a) e colonizado-(a) habita as geografias do nosso ser e saber? É necessário que muitas de nós, mulheres não-brancas, rememorem cotidianamente que o fato de adentrarmos «A Casa Grande» e sentarmos nos bancos do saber branco, ocupando as suas mesas milimetricamente projetadas, mas onde quase sempre «nós subalternas» não somos bem-vindas, não nos coloca numa condição de igualdade, nem lá, nem cá. E as pessoas brancas devem compreender que o fato de ocuparmos o mesmo espaço em alguns contextos e até dialogarmos, não é motivo para que os seres humanos brancos ganhem troféu-ostentação de desconstruídas e desconstruídos. Não esperem de mim medalhas de congratulações nos pódios acadêmicos nos quais as pessoas brancas perversamente estão em primeiro lugar. Reconhecer o privilégio que a branquitude oferta no Ocidente, dentro e fora da academia, deve ser uma pauta cotidiana de vida para homens e mulheres brancas, se sinceramente almejarmos viver nas sociedades ocidentais com equidade de direitos e deveres humanos.

Para mim, o mais gratificante de transitar entre as Ciências Sociais e as Artes, é perceber que ambas, na maioria das vezes, se debatem sobre o mesmo tema com linguagens diferentes. Não estebeleço hierarquias entre uma e outra porque acredito que as duas produzem conhecimentos. Entretanto, não compreendo as Artes como um mero entretenimento e não leio literatura para passar o meu tempo. Gosto da beleza e crueldade das Artes, assim como me fascina o debate das ideias nas Ciências Humanas e Sociais. «Arte & Ciência/Ciência & Arte» me possibilitam fazer o que para mim é o oxigênio do meu corpo-alma: escrever!

Entre gênero e raça nos trilhos oscilatórios das memórias-poéticas

13 <http://agoraequesaodelas.blogfolha.uol.com.br/2017/07/19/feminismo-uma-pratica-linda-e-preta/> Acedido em 26/09/2017.

Relato constantemente que aprendi a ser feminista negra com a minha avó Helena de Jesus, que trabalhou a vida toda como empregada doméstica; lavadeira de roupa de ganho; rezadeira e não dominava a escrita alfabética. Cresci ouvindo dizer-me: «Estude, porque homem não é futuro, seu futuro é seu estudo, porque eu não te criei para você se acabar de trabalhar na cozinha de branco como eu me acabei!» Vó Helena construiu em mim o fascínio pela leitura e pela escrita. Essa foi a herança que ela me ofertou. Fez-me entender desde a infância que tinha de ter independência financeira a partir do domínio do mundo letrado dos brancos. Apesar de não ter recursos letradamente formais para me explicar que a independência emocional também é um item necessário para seguirmos nessa vida desastrosa de seres humanos inacabados dentro e fora da academia.

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere 'as normas cultas' da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO, 2005, sítio web)¹⁴.

Adentrei a Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2003 para cursar o Bacharelado em Museologia. Logo no primeiro semestre percebi que a maioria das disciplinas cursadas por mim falava imensamente da Europa e quase nada sobre as memórias negras em Salvador e no Brasil. Fui constatando que havia grandes lacunas. Dentre as minhas atuações como estagiária na graduação destaco aqui o projeto «Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte¹⁵: uma perspectiva museológica e de gênero», coordenado pela Professora Doutora Joseania Miranda Freitas, no Museu Afro Brasileiro (MAFRO/UFBA), do qual fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ) no período de 2005 a 2008, ano em que concluí graduação. A minha atuação nesse projeto foi importante para que eu me aproximasse academicamente das reflexões de intelectuais negras brasileiras e estadunidenses, bem como compreender a heterogeneidade dos Feminismos, inclusive do Feminismo Negro. Mesmo reconhecendo que esse movimento não é um consenso entre as mulheres negras das Américas, sinto-me contemplada por ele e considero-me uma Feminista Negra. Conforme explica Carneiro:

14 <http://nossaescrevivencia.blogspot.pt/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> Acedido em 26/09/2017.

15 É uma confraria afro-religiosa formada por mulheres negras. A sede da Irmandade funciona na cidade de Cachoeira – Bahia onde são realizadas as festas públicas no mês de agosto.

Luzia Gomes Ferreira

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas (...). Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. (...) Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. É possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades. Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. (CARNEIRO, 2011, sítio web)¹⁶.

Muitas vezes o cansativo no combate ao machismo e ao racismo no âmbito acadêmico é a repetição. Ainda temos de ser repetitivas. O que escrevi nas páginas anteriores não é novidade nenhuma para a maioria das mulheres negras que está na academia. Porém, o tempo todo temos de recontar a mesma história, porque parece que os «Eu-Hegemônicos»¹⁷ sofrem de alguma anomalia rara que lhes causam incapacidade de compreensão da realidade vivida por quem não habita a pele branca. É óbvio que sempre vejo as bocas tortas quando o assunto é colocado nas mesas-redondas, ovais e quadradas; as acusações de que nossos textos são panfletários e sem rigor científico e de que praticamos racismo-inverso; sem falar no mais aviltante: a tentativa de nos silenciar. Por isso, mas não só por isso, fui sentindo a necessidade de construir outros itinerários para além do acadêmico.

Nesses meus quatorze (14) anos dedicando-me a Museologia, como estudante e discente pesquisadora na UFBA, atuando como museóloga da

16 <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acedido em 26/09/2017.

17 Termo utilizado pela filósofa Doutora Sueli Carneiro em sua tese de doutoramento intitulada: “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.” Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação junto à Área Filosofia da Educação, sob a orientação da Professora Doutora Roseli Fischmann. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf> Acedido em 30/08/2017.

POIESIS|Organização Social de Cultura na cidade de São Paulo- SP; como docente do curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e atualmente como doutoranda-investigadora no Programa Pós-Graduação em Museologia da ULHT, fui compreendendo a importância das artes como um lugar de enunciação e espaço para produção de outros conhecimentos que ultrapassam as salas de aulas do espaço acadêmico e as paredes dos museus, propiciando a construção de outras narrativas acerca das memórias negras. A partir de agora, me focarei no trabalho que venho desenvolvendo no Coletivo Nêga Filmes em parceria com a Maíra Zenun.

O que os museus e o cinema têm em comum?

Os museus e o cinema, ao longo dos tempos, construíram e desconstruíram imagens, memórias, narrativas e representações sobre nós, categorizados de «os outros», muitas vezes, desconsiderando o protagonismo e a autonomia das pessoas que estavam sendo representadas. Aparentemente esses dois espaços não se cruzam e muitas vezes não dialogam. Mas quando paramos e olhamos atentamente com profundidade, percebemos que os dois estão lá de braços dados, falando e representando temas semelhantes. Diferenciando-se nos suportes, espaços físicos e linguagens. Partindo da premissa que todos têm direito à fala e escuta; à construção das suas próprias imagens e escritas, a desconstrução e reconstrução das suas memórias nas artes, em 2015 na cidade de Lisboa criamos o «Coletivo Nêga-Filmes e Produções» coordenado por Maíra Zenun e por mim. Duas mulheres negras brasileiras (Bahia e Rio de Janeiro, oriundas do Cerrado e Amazônia Brasileira se cruzando na outra margem do atlântico), doutorandas na capital portuguesa se esbarrando nas ausências e silenciamentos das memórias negro-africanas e diaspóricas na contemporaneidade dessa cidade de águas tejas.

O que fazemos?

Cinema, Poesia e Fotografia são os terrenos férteis para a germinação do nosso trabalho. Em 2015, realizamos duas películas curta-metragem: “A Cidade e o Amor” (vinte minutos) é um filme-poema, teve como objetivo primordial apresentar a mulher negra fora dos estereótipos associados ao corpo feminino negro brasileiro, imagens que reforçam especialmente a hipersexualização, mas também, a falta de delicadeza com que nossos corpos negros quase sempre são tratados nas artes. Narra a noite de uma mulher à procura de um amor que ela não encontra em ruas, becos, calçadas, altos, chiados e miradouros de Lisboa. No final a Violeta Alcoforada (nome da personagem) não encontra esse amor-amado (José Agora), mas encontra-se consigo mesma. “A arte e a prática de amar começam com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar.” (HOOKS, 2010, sítio web)¹⁸. Em uma exibição do filme ouvi de um espectador que a película era bonita e triste. Numa outra mostra, uma pessoa no debate aberto ao público falou-nos que o encanto do filme reside em não termos desenrolado a história de amor com um final feliz. Talvez, por nós habitar as peles de mulheres negras, sabemos que muitas vezes as nossas vidas estão imersas em solidões para além do âmbito afetivo-sexual.

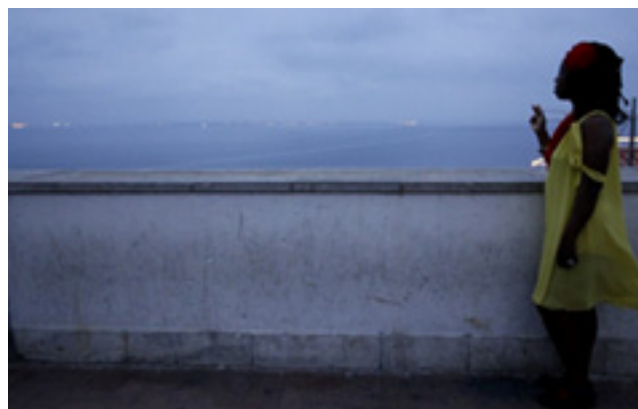
18 <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acedido em 27/09/2017.

A equipe foi formada por cinco brasileiros (Alexandro Trindade, Augusto Niemar, Fernando Maldonado, Máira Zenun e eu, Luzia Gomes) e um espanhol das Ilhas Canárias (Jose Fregel). No meu caso, especificamente, conheci todos os membros da equipe aqui em Lisboa, uma vez que, os outros brasileiros, assim como eu, estavam estudando em Universidades Portuguesas, em nível de doutoramento e pós-doutoramento. É importante pensar no cinema como uma ferramenta política, mas, sem perder a licença poética. O cineasta guineense Flora Gomes, nos alerta “[...]que no cinema tudo é político. Acho que não há nenhuma imagem inocente.” (GOMES, 2016:322 apud OLIVEIRA; ZENUN, 2016). Ficha técnica do filme: a) Roteiro: Augusto Niemar e Lemuel Gandara; b) Argumento: Augusto Niemar; Luzia Gomes e Máira Zenun; c) Direção Artística: Augusto Niemar; d) Direção de Fotografia: Máira Zenun; e) Trilha Sonora: Chalo Correia; f) Som: Ricardo Quenteira; g) Figurino: Luzia Gomes; h) Maquiagem: Jose Fregel; i) Iluminação: Fernando Maldonado; j) Assistente de Produção: Alexandro Trindade; l) Edição e Montagem: Máira Zenun.



01 . Equipe reunida no Largo do Terreirinho – Mouraria, na noite de filmagem do curta «a Ci-DaDe e o AmoR».

Foto: Máira Zenun – 2015.



02 – Imagem do cartaz de estreia do filme «a Ci-DaDe e o AmoR», registro realizado no Miradouro de Santa Luzia.

Foto: Máira Zenun – 2015.



03 - Estréia do filme «a CiDaDe e o AmoR» no Bar ANOS 60, na Mouraria.

Foto: Augusto Fernandes.

O filme «OBI¹⁹» é um curta-metragem de seis minutos. Foi realizado em agosto de 2015, no âmbito do evento MOVIMENTO, que é uma ação do coletivo de cinema Gato Aleatório. Parte desse evento realizou-se em Lisboa e a outra parte em Montemor-o-Novo. Fizemos a primeira etapa do curso na capital. Nessa oficina reuniram-se pessoas de várias partes da Europa e de outras partes do mundo para discutir cinema e produzir filmes no espaço Art Estúdio, localizado no centro da cidade. Durante três dias refletimos sobre cinema, apresentamos uma proposta para a realização de um curta-metragem, assim como captamos as imagens, editamos e o resultado final foi apresentado na Associação Amigos do Minho, na Rua da Benfornoso no bairro da Mouraria, Lisboa. A nossa equipe foi composta por mim, Máira Zenun, Carolina Castro (chilena) e Ana Rodrigues (portuguesa).

O argumento, o roteiro e o texto do «OBI» é de autoria minha e da Máira Zenun; o som ficou a cargo de Carolina Castro; direção artística de Ana Rodrigues; trilha sonora de Mbye Ebrima; a edição e montagem realizada por Máira Zenun. Queríamos falar sobre migração em Portugal, com o foco nos migrantes africanos, especificamente os guineenses, que trabalham no centro da capital portuguesa na Praça de São Domingos. A nossa ideia foi pensar as paisagens humanas que configuram o cenário urbano de uma cidade grande. O «OBI» não é um documentário formal e nem queríamos falar de aspectos negativos da migração, mas sim, entender e ver essas pessoas no espaço urbano, seguindo seu dia-a-dia como qualquer pessoa que habita e vive numa cidade cosmopolita como Lisboa.

O filme «OBI» retrata o tecido que passeia pela cidade se estranhando

19 Obi é um fruto sagrado utilizado em cerimônias não abertas ao público no Candomblé Baiano, no centro de Lisboa esse fruto é comercializado pelos guineenses. Quando fomos conversar com os guineenses para pedir-lhe autorização para filmá-los, vi o fruto e falei alto: - isso é «OBI»! O senhor Mamadi, que estava vendendo esse fruto, sorriu para mim e disse que para eles, aquele fruto chama-se cola. O Filme OBI está disponível em: <https://vimeo.com/142920780> Acedido em 02/10/2017.

e se entranhando na paisagem urbana. É o tecido que se encaixa e se desencaixa no asfalto e entre as edificações de pedra e cal. É o tecido que veste os corpos não europeus da Europa. É o tecido que se impõe na esteira das desigualdades cotidianas. É o tecido de uma cidade que se diz multicultural sem integração de todos no todo. É o tecido do afastamento e aproximação entre guineenses e brasileiras. É o tecido de pano com estampa e textura própria configurando o tecido social.



04 - Tecido que deambulou pelas ruas de Lisboa no filme «OBI» e no exato momento dessa foto ele pousava na Praça de São Domingos – Pequena África.

Foto Maíra Zenun - 2015

Ainda em 2015, realizamos o ensaio fotográfico «Ballet das Águas Rosas», no qual retratamos um banho de sacudimento com rosas. As fotografias foram feitas no apartamento em que morava na época, localizado no bairro da Encarnação em Lisboa. Em 2016, o projeto fotográfico foi publicado na Revista METAgaphias, nº 3 – Belo (sobre belezuras baphônicas) do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB). Ultimamente acompanho a discussão que pulula nos espaços virtuais acerca da nudez feminina nos museus. Porém, quando paro e analiso o meu corpo negro representado nas artes plásticas e lembro-me de obras como «O Nascimento da Vênus» do Sandro Botticelli; «Olympia» do Edouard Manet e «A Origem do Mundo» do Gustave Courbert, não preciso me esforçar muito para compreender que há uma «cor» priverligiada na representação do corpo feminino escolhido para ser a personificação da beleza. E são esses corpos cobertos ou despidos que enfeitam acriticamente as paredes dos museus, galerias e demais espaços de arte. Porém, como eu acredito que nem toda nudez será castigada, fizemos um ensaio nu. «Respeito a arte sabendo que ela sempre sexualizou o corpo negro. Não lembramos os anjos, só o sexo. Nunca fomos crianças. Sempre nos olharam como menores.» (SANTOS, 2017, sítio web)²⁰.

20 <https://www.facebook.com/carlaakotirene> Acedido em 02/10/2017.



05- Ensaio Ballet das Águas Rosas, publicado na Revista METAgraphias, nº 3 – Belo (sobre belezuras baphônicas) do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB).

Fotos: Maíra Zenun.

No Candomblé, o povo de santo sabe que é preciso sacudir a vida, sacudir as coisas, para se livrar de energias perdidas. Luzia estava triste, e precisava tomar um banho de ramos e zelo, um sacudimento de folhas de quintal de terreiro. (mas) Luzia não está na Bahia. Luzia está em Lisboa. Onde, durante a primavera, entre os jardins e caminhos e terreiros e hortas, só se encontram rosas. Flores brancas. Corpo negro. Bailando na banheira do apartamento de Luzia. Este é o registro de um banho que começa antes do banho, antes das rosas, antes de tudo. Até de Luzia. E termina na vontade de um momento de atenção e de amor contínuo. Banho de mar noutro rio. Encarnação. Calmaria. Bailando na banheira do apartamento de Luzia. (ZENUN, 2016:100)

Em 2016 e 2017 no mês de julho no auge do verão europeu, em parceria com a Associação Cultural Moinho da Juventude, realizamos a «Primeira e Segunda Mostra Internacional de Cinema na Cova – África e suas Diásporas». A intenção da Mostra foi dar visibilidade a uma produção audiovisual que não alcança as salas comerciais de cinema em Portugal, e assim disponibilizá-las à população que vive e frequenta a Cova da Moura, na intenção de estimular a produção de novos filmes, por artistas e estudiosos de cinema, que vivem na cidade e descendem das populações africanas. Em 2016 a mostra teve curadoria de Maíra Zenun e Janaína Oliveira²¹ e estabelecemos parceria com FICINE (Fórum

²¹ Pesquisadora, é doutora em História pela PUC-Rio e professora desta disciplina no Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus São Gonçalo, onde coordena o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena (NEABI). Realiza pesquisas centradas na reflexão sobre Cinema Negro, no Brasil e na diáspora, e também sobre as cinematografias africanas, sempre buscando conexões que possam incidir também na área da educação das relações étnicorraciais. Desde 2009, orienta o projeto de pesquisa “Cinegritudo: reflexões sobre a invisibilidade das produções cinematográficas africanas e afro-brasileiras na contemporaneidade.”

Itinerante de Cinema Negro)²². Em 2017 a curadoria foi da Maira Zenun. Nas duas mostras exibimos filmes de diferentes países africanos como: Burkina Faso; Cabo Verde; Senegal; Gana; Angola; Moçambique; Quênia; Guiné-Bissau; Costa do Marfim, assim como, de Portugal e Brasil. Exibimos filmes que nos fazem pensar a África, a realidade dos migrantes e dos cidadãos negros que vivem por toda a Europa. Nas duas sessões a mostra ocorreu inserida no festival cultural Kova M Festival:

Surgido em 2012, o festival é uma iniciativa da associação Moinho da Juventude, em colaboração com os moradores do bairro e outras entidades locais e nacionais. Tem como objetivo promover a integração cultural e a divulgação da cultura local e africana através de atividades lúdicas, culturais e pedagógicas dirigidas a todas as idades, afirmando a sua cultura e reclamando as suas identidades. Uma mostra da cultura vibrante e da resistência de um bairro que é um autêntico viveiro de talento e de criatividade, apesar da exclusão social e da forte estigmatização, discriminação e violência de que é alvo. (LISBOA AFRICANA, 2017, sítio web)²³.



06 – Cartaz da II Mostra Internacional de Cinema na Cova – África e suas Diásporas.

22 “O Fórum Itinerante de Cinema Negro (FICINE) é um espaço de formação e reflexão sobre a produção mundial de cinema, fotografia e audiovisual que tem os/as negros/as como realizadores/as e as culturas e as experiências negras como tema principal. O conceito abrange cinematografias distintas que se estendem dos países africanos às suas diásporas. De Zóximo Bulbul no Brasil à Isaac Julien no Reino Unido. criam gêneros e linguagens distintas é uma de nossas intenções.” Informações disponível em: http://ficine.org/?page_id=8 Acedido em 28/09/2017

23 <https://lisboaafriicana.com/2017/07/19/kova-m-festival-agita-cova-da-moura-26-30-jul-2017/> Acedido em 28/09/2017.



07 – I Mostra Internacional de Cinema na Cova (2016). Foto: Maíra Zenun.



08 – II Mostra Internacional de Cinema na Cova (2017). Foto: Maíra Zenun.



09 - II Mostra Internacional de Cinema na Cova (2017). Eu e Maíra Zenun.
Foto: Vânia Brayner

Em novembro de 2016, a convite da jornalista mestra Carla Fernandes, presidenta da Associação Cultural Afro-Lis²⁴, eu e Maíra Zenun passamos a ser curadoras do Projeto AFROTELA. O referido projeto foi uma iniciativa da Afro-Lis. Nesse projeto atuamos como parceiras e coprodutoras através do Coletivo Nêga Filmes. Tivemos o apoio de uma ampla rede de solidariedade, sororidade, afeto e confiança. Visamos fortalecer e unificar, para colheitas do bem viver, a maior gama possível de mulheres negras que conseguimos alcançar, seus companheiros e companheiras, filhas e filhos, parentelas e amizades. As exposições foram realizadas mensalmente na segunda terça e quinta-feira de dezembro de 2016 a março de 2017, na Casa Mocambo de Gastronomia, na Rua do Vale Santo António, em Lisboa e na Tabacaria Tropical no Bairro da Cova da Moura, Amadora.

Compreendemos que as cidades são grandes cenários que abrigam diversas paisagens humanas com múltiplas histórias e memórias impressas nos corpos de homens e mulheres negras e não-negras. Lisboa e sua região metropolitana nos apresentam diferentes formas de ser e estar no mundo a partir da pele que habitamos, mas como em qualquer lugar estruturado sobre pilares racistas e sexistas, há vozes que são escutadas e existem outras que são silenciadas. As artes, nesse caso específico, o cinema, nos possibilitou e possibilita recontar outras histórias e a construção de outras memórias, para as quais muitas vezes, os museus e instituições correlatas estão desatentos.



10 – Cartaz da primeira Sessão do AFROTELA, na qual eu e Maíra Zenun fomos curadoras. Imagem do filme «La Noire de» do cineasta senegalês Ousmane Sembène.

24 “A Afro-Lis tem como objetivo geral promover o reconhecimento do direito universal que os afrodescendentes têm à liberdade de opinião e de expressão. Procuramos desenvolver um espaço de expressão cultural para afrodescendentes e contribuir para a divulgação da história e histórias desta comunidade. Apoiamos, por isso, a consciencialização para o que chamamos de narrativas identitárias de afrodescendentes através de atividades de responsabilidade social e de desenvolvimento comunitário que reflitam a pluralidade dessas narrativas.” Informações disponível em: <https://radioafrolis.com/2016/02/17/apresentacao-da-afrolis-associacao-cultural/> Acedido em 18/10/2017.



11 – Reflexões realizadas nos debates do AFROTELA. Autoria de Máira Zenun.



12 – Equipe do AFROTELA da esquerda para direita: Carlos JG; Luzia Gomes; Máira Zenun e Carla Fernandes. Foto:Acervo da Nêga Filmes.

E a poesia nossa de cada dia?

Eu e Máira Zenun somos poetisas e escrevemos poesia. Acredito que apesar do nosso amor compartilhado pelo cinema, é a poesia que nos enlaça, a palavra sempre está lá permeando as nossas inquietações. A escrita, como disse Allende: “[...] é uma longa introspecção, é uma viagem até às cavernas mais obscuras da consciência, uma lenta meditação.” (ALLENDE, 1994:17). Por coincidência agradável, a literatura e a Museologia sempre se entrelaçaram no meu percurso profissional. Quando trabalhei no Museu Biográfico e Literário – Casa Guilherme de Almeida na cidade de São Paulo – SP, foi um período que convivi com escritores, poetisas, tradutores, em sua maioria homens brancos. Em alguns momentos questionei-me até que ponto eu estava representada naquele instituição museológica na qual trabalhava. Na maior parte do tempo, sabia que o público consumidor daquele espaço não seria de pessoas como eu, e que ali, eu era uma exceção. E ainda hoje é um questionamento que me faço: até que ponto nós museólogas e museólogos nos sentimos representadas nos museus em que trabalhamos? Atualmente questiona-se tanto a representação de nós - pessoas não-brancas nos espaços museológicos, contudo pouco se fala sobre a nossa própria representação nas instituições em que atuamos.

Por muito tempo, guardei para mim o que escrevia fora da produção acadêmica. A aura branca elitista que se cria ao redor da arte literária é um dispositivo de constrangimento para muitas pessoas como eu, que não são oriundas de um universo familiar letrado. Independentemente de tornar as minhas escritas não-acadêmicas públicas, por um prazer pessoal fazia constantes pesquisas entre autoras e autores brasileiros e estrangeiros, como também, acompanhava feiras de livros, festivais de literatura e debates com escritores e escritoras. Em Lisboa passei a frequentar semanalmente saraus de poesia, algo fundamental para eu compreender do quanto precisava expressar-me por essa forma de escrita e que as palavras grafadas com toque poético faziam parte dessa minha existência. Precisava ter coragem de assumir o meu desejo de ser escritora (não-romancista) que aprisionei por muito tempo no meu inconsciente por medo da avaliação e reprovação dos pares do metier poético. Em Lisboa tive um encontro com a poesia existente no âmago do meu ser. Constantemente procuro estabelecer pontes dialógicas entre a Literatura e a Museologia na minha escrita acadêmica, pois, considero os textos literários fontes de pesquisa e conhecimento. Ao ler livros como *O Museu da Inocência* (2008) do Orhan Pamuk, assim como, *Kétala* (2006) da Fatou Diome, por exemplo, descubro que esses romances poderiam compor a bibliografia de disciplinas de Teoria Museológica e Musealização, por exemplo.



13 – Recitando o poema « a BeLeZa dAs YaBáS dO mEU OrI» na abertura do II Encontro de Feministas Negras em Portugal organizado pela Plataforma FEMAFRO (Associação de Mulheres Negras, Africanas e Afrodescendentes em Portugal), 2017. Foto: Acervo da FEMAFRO

Ultimamente por um ato político de generosidade, solidariedade e afeto feminista tenho realizado leituras de escritoras mulheres. Apesar do Rainer Maria Rilke, Gabriel García Márquez e o Milan Kundera, continuarem a ter morada certa na minha estante deslocada. Contudo, foram as escritas femininas que muitas vezes fizeram-me levantar da cama acreditando que eu era capaz de escrever um trabalho «científico» a partir das minhas próprias reflexões com

as minhas desformatadas palavras. De Toni Morrison à Anaís Nin; de Conceição Evaristo à Alexandra Lucas Coelho considero que as escritas dessas e de tantas outras mulheres que li nesse percurso de doutoramento e descoberta artística, têm sido fundamentais para o enriquecimento da minha escrita acadêmica e poética.

Em setembro de 2015 foi a primeira vez que li publicamente um poema meu. Neste mesmo ano, passei a sistematizar a minha escrita poética. Com o incentivo e a assessoria da Maíra Zenun criei o blog «Etnografias Poéticas de Mim». Nessas escritas das páginas diárias de mim parto sempre das minhas vivências pela cidade. Não concordo com a ideia das cidades serem interpretadas como museus a céu aberto. “Cidades existem nos modos indicativo e subjuntivo: ao mesmo tempo, ação e indecisão, cotidiano e desejos, certezas e dúvidas, fatos e possibilidades (...) nelas não se pode colocar rédeas. Ainda que se tente.” (BULHÕES, 2017:02). Percebo que a cidade comporta outras dinâmicas que não cabem nas delimitações e limitações dos museus. Contudo, Lisboa é uma cidade poética e o seu patrimônio está para além da arquitetura de fachada.

No dia 14 de setembro de 2017, na cidade de Lisboa, no espaço de arte Atelier Aberto, lancei o meu primeiro livro de poesia intitulado «Etnografias Uterinas de Mim». Considero esse livro a minha oferenda de pomba-gira poética das águas; a limpeza de sacudimento que faço por dentro das minhas emoções; é a escrita ofertada a maré de vazante do mundo; é o fragmento dessa mulher-menina de bravezas e calmarias. É a escrita da minha intelectualidade em voz única de multiplicidades. É a escrita sem formatos normativos da ABNT. É a minha escrita debochada e desbocada de doutora-poeta pretamente feminina. Vivo entre a arte e a ciência e como disse o poeta sou: “[...] migrante, professora dessa de ficar ensinando pro mundo sem saber que um dia o futuro é dentro da gente, nessa cidade qualquer.” (NIEMAR; GANDARA, 2017:09).



14 – Imagens do livro «Etnografias Uterinas de Mim» Foto: Augusto Fernandes



15 – Lançamento do livro «Etnografias Uterinas de Mim» Foto: Augusto Fernandes

Pausa temporária no diário: como pensar as memórias em cenários não museológicos com olhares de museóloga-poeta-preta?

Ao assumir o papel de criadora de arte e não apenas de observadora e leitora, a minha percepção sobre o que vejo e leio nos museus, no cinema, no teatro e nos livros de literatura passou por um processo de transformação. Desromantizei as artes por completo, porém, mergulhei nela por inteira, tirando-a do templo sagrado da contemplação. A minha inserção no campo das artes enquanto artista, possibilitou-me fazer um outro exercício de reflexão sobre as memórias negras e diaspóricas na cidade de Lisboa com as bagagens trazidas do Brasil.

Lançar o meu olhar de museóloga-poeta-preta no trabalho que desenvolvemos no «Coletivo Nêga Filmes e Produções», proporcionou criarmos espaços negramente feminino de memórias artísticas. A cada exibição de filmes que fizemos, realizamos debates com mulheres negras artistas, acadêmicas e não-acadêmicas. Ao dialogar com as mulheres e homens negros e não-negros que formavam a nossa plateia em Lisboa e na Amadora, foi possível compreender a importância de termos espaços para debater as imagens em movimento, apresentar outras versões da história e estabelecer laços de afetos. O que muitas vezes não é possível fazer nas salas de cinema, onde no escurinho, assistimos sentadinhas, em silêncio, sem possibilidade de intervenção. E o mesmo ocorre nas exposições museológicas que visitamos passivamente. Geralmente os cenários mudam, mas, os formatos continuam os mesmos.

Outra questão para a qual nos atentamos é não perder de vista a poética dos filmes que exibimos, das fotografias que fazemos e da poesia que escrevemos. Quase sempre ao tratarmos das produções artísticas de nós, pessoas não-brancas, insistem na abordagem simplista de elucidar aspectos políticos, tensões, desigualdades, pobreza, exclusão e violência. E muitas vezes acreditam que nós pessoas negras só podemos e só queremos falar sobre isso. Esquecem que nós também possuímos um olhar estético diverso, porque não somos uma

massa homogênea, logo, as nossas obras de arte, necessariamente não têm à obrigação de abordar apenas o que as pessoas brancas consideram coisas de pretos.

Por fim, quero dizer que sigo acreditando na academia e nas artes como espaços de transformações teóricas e imagéticas, mas que também deveria ter (em alguns casos tem) o compromisso com as sociedades nas quais estão inseridas, onde as pessoas acadêmicas e não-acadêmicas pagam os nossos salários. Teoria/Prática-Prática/Teoria, não deveriam se apartar das nossas produções. Utopicamente acredito que as ciências e a artes possuem possibilidades concretas de fechar as veias abertas dos resquícios coloniais ainda presentes no Brasil, em Portugal e nos demais países da América do Sul que visitei. Descolonizar o olhar, levando em consideração os corpos que produzem imagens e teorias é uma alternativa de nos abirmos para outros olhares, imagens e escritas, deixarmos a fossilização narcisista de um discurso único dentro e fora dos museus, academias e cinemas, e assim, estabelecer diálogos simétricos, frontais e realistas entre nós do presente sem fronteiras reais e imaginárias. E quiçá, assim possamos nos conduzir para geografias do presente construindo mapas com contornos de futuro da equidade.

Uma mulher fala

A lua marcada e tocada pelo sol
minha mágica é ágrafa
mas quando o mar der as costas,
deixará para trás meu formato.
Não busco favor
intocado pelo sangue
implacável como a praga do amor
permanente como meus equívocos
ou meu orgulho
Eu não misturo
amor com piedade
nem ódio com desdém
e se você me conhecesse
olhe dentro das entranhas de Urano
onde os oceanos sem sossego calcam

Eu não habito
em meu nascimento nem em minhas divindades
que sou sem idade e meio-formada
e ainda em busca
de minhas irmãs
bruxas em Daomé
me vestem em seus tecidos em camadas
como nossa mãe fazia
de luto.

Eu sou mulher
há muito tempo
cuidado com meu sorriso
Eu sou dissimulada, mágica velha
e a fúria nova do meio-dia
com todos os teus futuros largos
em promessa
Eu sou
mulher
e não branca.
(Lorde, 2014, sítio web)²⁵ .

Referências

ALLENDE, Isabel. *Paula*. Tradução de José Carlos Gonzalez. 12ª Edição. DIFEL (Difusão Editorial). 1994. Viseu - PT.

BULHÕES, Girlene C. *Museu para o esquecimento: seletividade e memórias silenciadas nas performances museais*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Performances Culturais (PPIGPC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). 2017.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Geledés – Instituto da Mulher Negra*. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acedido em 26 de setembro de 2017.

COLLINS, Patricia H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: *Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1*. pp. 99-127. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf> Acedido em 30 de agosto de 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita – depoimento. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.pt/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> Acedido em 26 de setembro de 2017.

EVARISTO, Conceição. Apud Itaú Cultural Ocupação Conceição Evaristo. In: Itaú Cultural Ocupação. 2017. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/> Acedido em 30 de agosto de 2017.

FERREIRA, Luzia G. Mulher-Letrada. In: Blog Etnografias Poéticas de Mim. 2017. Disponível em: <http://etnografiasdemim.blogspot.pt/2017/09/mulher-letrada.html> Acedido em 21 de Setembro de 2017.

FERREIRA, Viviane. Balanço da existência das subjetividades negras apresentadas nas competitivas do 50º Festival de Brasília. 2017. Disponível em: <https://www.>

²⁵ <https://gentlyblown.wordpress.com/2014/01/12/audre-lorde-uma-mulher-fala/> Acedido em 28/09/2017.

facebook.com/viviane.ferreira.5245 Acedido em 25 de setembro de 2017.

GILLIAM, Angela; GILLIAM, Onik'A. Negociando a subjetividade de mulata no Brasil. In: *Revista Estudos Feministas*. pp.525-543. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16471/15041> Acedido em 30 de agosto de 2017.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: *Geledés – Instituto da Mulher Negra*. Tradução de Máisa Mendonça. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acedido em 27 de outubro de 2017.

KILOMBA, Grada. Grada Kilomba é a artista que Portugal precisa de ouvir. Matéria In: *Jornal Público*, publicada no dia 18 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/08/18/culturaipilon/noticia/gradakilomba-e-a-artista-que-portugal-precisa-de-ouvir-1782377/amp> Acedido em 20 de setembro de 2017.

LISBOA AFRICANA. Kova M Festival agita Cova da Moura [26 a 30 JUL 2017]. Matéria publicada em Publicado em 19 de julho de 2017 na página do site Lisboa Africana. Disponível em: <https://lisboaafricana.com/2017/07/19/kova-m-festival-agita-cova-da-moura-26-30-jul-2017/> Acedido em 28 de setembro de 2017.

LORDE, Audre. Uma mulher fala. Poema publicado em 2014 no Blog Close your eyes to the octopus ride. O título do poema em inglês é «A Woman Speaks». A poeta faleceu em 1992. Disponível em: <https://gently-blown.wordpress.com/2014/01/12/audre-lorde-uma-mulher-fala/> Acedido em 28 de setembro de 2017.

LORDE, Audre. A Transformação do silêncio em linguagem e ação, In: *Geledés – Instituto da Mulher Negra*. 2015. Comunicação de Audre Lorde no painel “Lésbicas e literatura” da Associação de Línguas Modernas em 1977 e publicado em vários livros da autora. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/> Acedido em 20 de setembro de 2017.

NIEMAR, Augusto; GANDARA, Lemuel. Roteiro do Filme A Cidade e o Amor. 2015.

PEREIRA, José C. *O Valor da Arte*. Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos. 2016. Lisboa - Portugal.

SANTOS, Boaventura S; MENESES, Maria P. Introdução. In: *Epistemologias do Sul/org*. Boaventura Sousa Santos e Maria Paula Meneses – (CES). pp. 09-19. Edições Almedina. SA. 2009.

SANTOS, Carla A. *Nudez do Corpo*. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/carlaakotirene> Acedido em 02 de Outubro de 2017.

SOUSA, Neusa. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Rio de Janeiro. Edições Graal. Coleções Tendências. V.04. 1983.

SPIVAK, Gayatri. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pedreira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.

XAVIER, Giovana. Feminismo: direitos autorais de uma prática linda e preta. In: Coluna #AgoraÉQueSãoElas: Um espaço para mulheres em movimento do Jornal Folha de S.Paulo. Publicada em 19 de julho de 2017. Disponível em: <http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/07/19/feminismo-uma-pratica-linda-e-preta/> Acedido em 26 de setembro de 2017.

ZENUN, Maíra. Ballet das Águas Rosas (Ensaio Fotográfico de Maíra Zenun a partir de Performance de Luzia Gomes). *Revista METAgraphias*, nº 3 – Belo (sobre belezuras baphônicas) do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB). 2016. pp. 99-117.